

O perigo vermelho:

A aproximação com a Alemanha nas páginas da Revista Militar Brasileira

César Alves da Silva Filho

Mestrando em História do Brasil

PPGH- UNIVERSO

Resumo

O anticomunismo é um sentimento presente no seio da elite brasileira pelo menos desde 1917, ano da revolução russa. Nosso Exército, com uma oficialidade extremamente elitista e aristocrática, como aponta José Murilo de Carvalho, absorve este sentimento com extrema facilidade. Nesse sentido, a Revista Militar Brasileira, o instrumento oficial de propagação das ideias do Estado Maior do Exército brasileiro, vai assimilar este tipo de visão de maneira muito clara. Durante a década de 1930, pouco depois de Getúlio Vargas subir ao poder, são publicados alguns artigos atacando a doutrina militar soviética, que é enxergada, neste caso, como uma doutrina a não ser seguida. Na medida em que a Alemanha se aproximava do Brasil comercialmente, o ataque ao comunismo ficava cada vez mais direto.

Palavras-chave

Exército – Comunismo – Brasil – Revista Militar Brasileira

Abstract

Anti-communism is a present feeling within the Brazilian elite at least since 1917, the year of the Russian revolution. Our Army, with an extremely officers elitist and aristocratic, as pointed out by José Murilo de Carvalho, absorbs this feeling with ease. In this sense, the Journal Brazilian military, the official instrument of spread of Staff of the ideas of the Brazilian Army, will assimilate this kind of vision very clearly. During the 1930, shortly after Getulio Vargas up to power, are published some articles attacking the Soviet military doctrine, which is analyzed, In this case, as a teaching to be followed. To the extent that Germany He approached the commercially Brazil, the attack on communism became increasingly straightforward.

Keys –Words

Army – Communism – Brazil – Military Brazilian Review

Introdução

Não é novidade para nenhum pesquisador que o Exército possui um caráter extremamente anticomunista. A Revista Militar Brasileira, como instrumento oficial de propagação das ideias do Estado Maior do Exército do Brasil, absorve este pensamento de forma muito clara.

No entanto, torna-se necessário fazer uma breve contextualização da revista, tanto de sua estrutura quanto do momento político em que ela está inserida para que o leitor compreenda com clareza a importância que tinha sua publicação para a formação do pensamento oficial do Exército naquele momento.

A Revista Militar Brasileira nasceu em 1882, deste período até o ano de 1889 se chamava Revista do Exército Brasileiro. Posteriormente, nos anos de 1899 a 1908 ela sofre uma mudança de nome e passa a se chamar Revista Militar. Em 1911 houve uma nova mudança e seu nome passa a ser Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército, permanecendo assim até o ano de 1923. Uma nova modificação ocorre em 1924, e até o ano de 1981 ela passa a se chamar Revista Militar Brasileira e a partir de 1982 até os dias atuais seu nome é Revista do Exército Brasileiro.

Em 1930, a revista era editada pela Imprensa Militar, que era subordinada diretamente ao Estado Maior do Exército, que tinha como chefe o general Alexandre Henriques Vieira Leal¹. Com o movimento político que desmonta a república velha, o general Alfredo Malan d'Angrogne² assume o cargo em 20 de novembro deste ano. Com a morte do general d'Angrogne, o posto é assumido pelo general de divisão Augusto Tasso Fragoso, que permanece no cargo durante todo o ano.

A imprensa militar, como dito anteriormente, era diretamente subordinada ao E.M.E.³ e sua equipe era formada por uma série de profissionais⁴ entre revisores, paginadores, conferentes, impressores e encadernadores. O importante é sabermos que este órgão recebia ordens diretas do Chefe do Estado Maior.

A comissão de redação ficava a cargo da 5ª seção do E.M. que tinha o coronel José de Castello Branco, o tenente-coronel Lucio Corrêa e Castro, o major José Silvestre de Mello e o capitão Francisco de Paula Cidade como redatores principais.

¹ Relação dos chefes de Estado-Maior desde 1899. Almanaque do Exército para o ano de 1931.

² Idem.

³ Estado-Maior do Exército

⁴ São mais de quarenta profissionais que compunham a Imprensa Militar e não cabe aqui transcrever o nome de todos eles. Consultar: Bibliex. Almanaque do Ministério da Guerra para o ano de 1931. P 678.

Este último, tinha uma vida intelectual bastante ativa na vida da revista, escrevendo alguns artigos inclusive.

O nascimento do Anticomunismo no Brasil

Parece-me conveniente discutir, mesmo que brevemente, a questão do mito da barbárie do oriente construído pelo mundo ocidental antes de entrarmos propriamente no anticomunismo brasileiro, pois este tipo de confronto ideológico talvez não tenha precedentes na história humana.

Um dos mitos mais antigos que se tem notícia é o mito da barbárie oriental. Edward Said, ao analisar tais fenômenos, chega a conclusão de que uma cultura dominante se apodera de outra, a desfigura e assimila, ou por outras palavras, como um vocabulário e um imaginário próprios são aplicados por Ocidentais para observar e descrever o Oriente e, nesta base, estruturar a percepção, o conhecimento colectivamente suportado pelas instituições e por elas transmitido. O Orientalismo é visto como a maneira de os Ocidentais pensarem e estudarem o Oriente: um conjunto de categorias e valores baseados nas necessidades políticas e sociais do Ocidente em detrimento das realidades concretas do Oriente (SAID, 2011).

Formulou-se assim, no ocidente, um esquema de civilização x barbárie, sendo o oriente representado por um monstro que ameaça o mundo com forças caóticas e apocalípticas, ameaçando assim o modelo de vida ocidental. Este monstro tendia a ser violento e sangüinário, sempre apto a destruir as conquistas da civilização (MEDEIROS, 2006, P. 390).

Nesse sentido, a vitória da noção de progresso do século XIX possibilita a ideia de que a civilização foi consagrada por um ideal de estágio final de um demorado processo de caminhada da humanidade. Segundo Lená Medeiros:

Dessa forma, tenderia a ser definitivamente identificada com a Europa e com o Ocidente, contrapondo-se à barbárie de povos considerados primitivos, inferiores, violentos e cruéis, facilmente localizados no Oriente – um Oriente misterioso que, em tempos passados, provocara a precipitação dos “bárbaros” sobre o Império Romano e legar a peste negra à Europa nos idos dos anos 1300, além de as narrativas bíblicas apresentarem-no como local de fuga do próprio demônio⁵

⁵ Delumenau, 1999, P 55-99 apud MENEZES, Lená Medeiros de. Civilização x barbárie: mito de combate no discurso midiático sobre a revolução (1917-1921) In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.,

Obviamente, é importante destacar aqui que a noção de oriente se expandiu para o oeste de forma a abarcar a Rússia bolchevique. Os líderes revolucionários, portanto, eram apresentados pela imprensa brasileira como os “anti-heróis a combater o bem e a ameaçar as conquistas da civilização” (MEDEIROS, 2006, P 391). Corriqueiramente os bolcheviques eram apresentados pelo ocidente como homens propensos ao canibalismo, mediante narrativas que beirava a dramacidade.

É dentro desta perspectiva, portanto, que podemos entender a construção da imagem negativa do bolchevismo dentro do Brasil. A somatória de todos estes processos descritos brevemente podem explicar determinadas representações que se espalham muito facilmente no imaginário de determinados setores conservadores do Brasil, que disseminavam imagens de comunistas que “comiam criancinhas” ou de “comunistas que ameaçavam os lares cristãos”.

Apresentado o panorama geral, torna-se necessária a discussão do anticomunismo no Brasil, que não é uma tarefa simples, mas pode ser mais bem compreendida se procurarmos entender a história do proletariado brasileiro e os efeitos das greves que vão de 1917 a 1920 no âmbito da luta de classes na sociedade brasileira, com uma reação feroz da classe burguesa e seus aparatos repressivos.

Dessa forma, poderemos compreender de uma maneira clara e precisa a trajetória do pensamento conservador e anticomunista brasileiro. A leitura de Rodrigo Patto é muito importante para se entender esta questão. O autor deixa claro que o sentimento contrário a esta linha política surgiu logo após a Revolução russa de 1917⁶. Nesse sentido, fica claro aos olhos do leitor que o conservadorismo histórico das elites brasileiras contribuiu para o florescimento desse sentimento.

Evidentemente, as notícias internacionais ajudam a entender parcialmente o sentimento conservador no Brasil, mas não somente de fora vieram as ideias relacionadas à negação do comunismo. Em 1935, a “Intentona Comunista” propiciou que fossem construídas ideias contrárias ao comunismo de dentro para fora, ou seja,

MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. História e imprensa: representações culturais e praticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Primórdios do anticomunismo no Brasil: 1917-1935”. In: Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964) . São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P 16.

surgidas no interior das classes conservadoras do Brasil.

Rodrigo Patto, portanto, segue afirmando que as influências anticomunistas no Brasil foram marcadas por um movimento mais amplo, vindas de fora do país. No entanto, nos alerta Patto, não podemos achar que não existiram dinâmicas próprias internas que propiciaram que esse sentimento se afluísse internamente.

Prova disso são os ataques da imprensa brasileira ao comunismo, desde a Revolução Russa de 1917, que já merecem junto aos jornais desde os primeiros momentos. A revolução de fevereiro foi aplaudida pelos jornais, já a revolução de outubro, bolchevique, fora vítima de ataques ferozes.

Graças ao avanço tecnológico permitido pelo novo século, como a velocidade de informação se compararmos com os séculos anteriores, países periféricos como o Brasil passam a receber, de maneira quase que instantânea, notícias geradas por órgãos de imprensa distantes. A historiadora Lená Medeiros Menezes, portanto, afirma que não somente da Europa vieram ideias anticomunistas, fontes de notícias estadunidenses eram bastante consumidas pela imprensa nacional⁷. Estes veículos brasileiros passam então a se alimentar de jornais de várias partes do mundo, como comenta a autora:

Cada vez mais, notícias oriundas do pool formado pela Havas-Reuter passaram a ser recebidas no Brasil por via norte-americana. A imprensa brasileira, dessa forma, alimentou-se de informações originárias de jornais como o *Daily Express* e o *Daily Mail* de Londres, o *Figaro* e o *Petit Parisien* da França, o *Stuttgart* da Suíça, ou o *Social Demokraten* da Alemanha, o *New York Globe*, o *New York Sun*, o *Daily Herald*, o *New York Times*, o *Daily Chronicle* e o *Morning Post* dos Estados Unidos.⁸

As reportagens publicadas por tais veículos chegavam ao Brasil com um dia de atraso apenas (MEDEIROS, 2006). Os serviços telegráficos foram primordiais para se entender tamanha velocidade de informação. Cabos submarinos unificavam continentes antes separados pelo mar, encurtando distâncias e aumentando a velocidade de informação.

O sensacionalismo da imprensa, divulgando matérias sem se verificar as fontes, não se importando com a veracidade dos fatos, buscando a notícia a qualquer custo é um

⁷ MENEZES, Lená Medeiros de. Civilização x barbárie: mito de combate no discurso midiático sobre a revolução (1917-1921) In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C. História e imprensa: representações culturais e praticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

⁸ Idem. P. 388.

assunto um tanto atual em discussões mais aprofundadas sobre o discurso midiático no Brasil. No entanto, este discurso possui uma raiz histórica que podemos verificar em veículos de comunicação do início do século passado.

No intuito de conquistar leitores a todo curso, uma lógica do sistema capitalista no qual o Brasil se insere, o sensacionalismo impresso era praticado de maneira muito comum. A pressão diária feita por chefes de redação fazia com que boatos não confirmados ou opiniões ideológicas virassem matérias jornalísticas cotidianamente presentes na cobertura da Revolução Russa.

No lugar de opiniões balizadas, de críticas feitas por especialistas ou por coberturas com base em provas jornalísticas, abre-se espaço para o “consta que”, o “soube-se”, o “consta como certo”, o “corre o boato”, mostrando assim o descomprometimento com a busca pela verdade em jornais brasileiros.

Dessa forma, tais veículos assumem um papel determinante no que diz respeito à construção de um ideário antirrevolucionário. Em 1917, órgãos como *O Jornal do Brasil* publicavam matérias denunciando a “loucura revolucionária”. No país inteiro, o conservadorismo da imprensa se traduzia em matérias contra os acontecimentos na Rússia e a favor da manutenção da ordem social (BANDEIRA, 1980). O sentimento anticomunista começa a se desenhar no seio das elites brasileiras.

Chegados os anos 1930 e o processo político que derrubou a primeira república ou “República Velha”, os setores conservadores da sociedade brasileira temeram a possibilidade que o novo governo fosse dirigido por quadros de esquerda. Defensores de propostas antiliberais conquistam espaço dentro do processo de criação do novo governo e este fato gera alguma preocupação dentro de setores conservadores da sociedade, como o clero, a imprensa e em grandes empresários (PATTO, 2002).

Marly Vianna⁹, ao se referir a este momento histórico, afirma que no bojo do novo governo, a política era seguida com combinações de repressões violentas e cooptações, mediante concessões econômicas e manipulações ideológicas de todo tipo, todas controladas pelo Estado, que via no anticomunismo um de seus principais pilares de sustentação (VIANNA, 2007).

Podemos observar que a autora concorda com Rodrigo Patto em relação à influência dos setores conservadores na direção da “revolução de 1930”. O autor cita ainda o momento em que uma proposta de reconhecimento diplomático da URSS

⁹ VIANNA, Marly. *Os revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

chegou a ser ponto de pauta no novo governo, mas pressões internas fizeram que tal proposta fosse deixada de lado. Segundo o Rodrigo Patto:

Também digno de nota é o episódio relacionado à proposta de reconhecimento diplomático da URSS, já que desde a ascensão dos bolcheviques o Brasil rompera relações com a antiga Rússia. Setores do novo governo defendiam o reatamento, mas pressões conservadoras sobre Getúlio Vargas levaram a ideia a ser engavetada.¹⁰

Somente o episódio envolvendo a diplomacia brasileira não foi necessário para convencer alguns setores que o novo governo nada tinha de comunista. Setores ligados aos produtores de café acusaram o governo federal de propagarem o comunismo quando parte de suas rendas geradas pela exportação do produto foram confiscadas para controlar as contas do Estado¹¹. A crise de 1929 gerou uma grave queda nos preços do café brasileiro e o governo federal não viu alternativa a não ser tomar esta iniciativa.

Logicamente que esta era uma acusação sem sentido, se atentarmos ao fato, por exemplo, que Getúlio Vargas se alia a setores conservadores do Exército, que participaram do combate a coluna Miguel Costa-Prestes, de 1924, como por exemplo, o então tenente-coronel Góes Monteiro, para compor o seu governo. Estes setores da sociedade que compunham o novo governo eram claramente de uma linha anticomunista.

O fato era que o comunismo era visto cada vez mais com um sentimento de repulsa e na passagem dos anos de 1920 para os anos de 1930, o bolchevismo passou a ser uma ameaça no imaginário das elites. Conforme os anos passavam esta questão aumentava e a Ação Integralista Brasileira (AIB), um partido inspirado nos modelos fascistas, foi criada em 1932.

¹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Primórdios do anticomunismo no Brasil: 1917-1935”. In: Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P. 25

¹¹ Sobre este fato, Rodrigo Patto cita um trecho do livro de Dória Sampaio em que o autor acusa o governo federal de ser comunista e vale a pena ser aqui reproduzido: “Se isto não é comunismo, não há comunismo no mundo. Teme-se, e treme-se, entre nós, do espantinho comunista, que nos anda rondando o país. Mas não se repara que ele já está instalado, realizado, com tantas raízes firmes, na produção do café, e talvez, quem sabe? Sem que tivessem os seus autores a consciência de estarem implantando o comunismo.” DORIA, Sampaio. O comunismo caminha no Brasil. São Paulo, [s.n], 1933, p30. Apud MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Primórdios do anticomunismo no Brasil: 1917-1935”. In: Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P. 26.

Nesse sentido, Ricardo Benzaquem de Araújo e seu estudo sobre o integralismo¹² pode ser interessante para esta discussão no sentido de complementar o debate aqui travado sobre o anticomunismo. Patto afirma que a AIB lutava por uma sociedade harmônica e sem conflitos, dirigida por valores como Deus Pátria e Família (PATTO, 2002). Dessa forma, devemos perceber o integralismo como um projeto ultraconservador para a sociedade brasileira, pautado nos ideais do positivismo, do espiritualismo católico, do pensamento fascista e do nacionalismo modernista¹³.

Plínio Salgado tinha uma ideia bastante clara a respeito do bolchevismo, para ele, a chegada dos comunistas ao poder na URSS representa uma consequência da vitória da concepção filosófica do materialismo, que por sua vez se origina no ateísmo e trouxe consigo a pior idealização possível do homem, transformando-o em simples “bonecos de carne, prontos a roubar, a matar a usar de qualquer expediente para a satisfação de seus apetites” (ARAUJO, 1987, P. 46).

Estava plenamente claro que os bolcheviques eram, portanto, o aperfeiçoamento do que havia de pior no modelo liberal. Plínio chega a afirmar que o capitalismo é o grande bolchevista, sendo o comunismo um estágio natural do modelo capitalista e conseqüentemente o futuro da América e da Europa. Ricardo Benzaquem segue afirmando que “conseqüentemente, em vez de se constituir numa opção revolucionária ao capitalismo, o marxismo, para Plínio, seria simplesmente a sua conclusão, a derradeira modalidade na qual o ateísmo iria se expressar” (ARAUJO, 1987, P 48).

O triunfo da revolução russa em 1917 traria em sua esteira efeitos horríveis para a humanidade, portanto, era uma antecipação do que poderia ocorrer em outros países, um resultado baseado na lógica de uma sociedade ateuista, na qual o mundo estava se transformando. Torna-se necessário uma intervenção neste processo que de certa forma era natural e estava em curso na sociedade, este remédio seria o integralismo.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) será uma importante combatente do comunismo, sobretudo após o levante de 1935, onde ela chegará a contar com 400 mil membros¹⁴. Não é de se espantar que o partido integralista alcançasse este número de

¹² ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

¹³Idem. P. 25.

¹⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Primórdios do anticomunismo no Brasil: 1917-1935”. In: Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P. 30.

membros tão elevado. Impulsionado pela ameaça comunista que pairava a mentalidade das elites brasileiras, o anticomunismo será um grande combustível para o seu crescimento.

O Anticomunismo na Revista Militar Brasileira

Parece não haver dúvidas, a literatura aqui analisada é uma ótima ferramenta de conhecimento para quem deseja se debruçar sobre a questão dos primórdios do sentimento anticomunista no Brasil. O estudo claro e objetivo do assunto nos mostra que tal sentimento não nasce de uma hora para outra, pelo contrário, é fruto de uma herança política e mentalidade conservadora das elites brasileiras, que obedecem a lógicas e mecanismos próprios, que mais tarde se combinaram com influências externas.

A Revista Militar Brasileira não estava indiferente a este processo. Embora a revista, neste período recebesse influência tanto dos jovens turcos quanto da missão francesa, a crítica política não deixava de permear suas páginas. Em artigo publicado na edição nº 3 do ano de 1930, comentava-se sobre a doutrina militar soviética. Entendo aqui que, embora este fosse um artigo traduzido de outra revista, este era o pensamento também dos editores da revista e, em última instância, do Estado Maior do Exército brasileiro. Do contrário, dificilmente seria publicado em suas páginas.

Intitulado “O Exército russo dos soviets”¹⁵, este artigo foi um estudo feito por Alexandre Smirnoff, publicado originalmente em *The Army Quaterly* em outubro de 1929 e fora traduzido pelo capitão Francisco Paula Cidade, como mostra a imagem abaixo:

Inicialmente, trata-se de um estudo sobre a organização do exército soviético do ponto de vista dos fatores espirituais. Em seguida, uma sutil crítica, embora indireta, ao regime bolchevique. O autor se propõe a analisar os principais defeitos de sua organização militar que, segundo ele, derivam do ambiente político do qual vive a URSS.

Dentro do ensino militar, os princípios comunistas eram a principal matéria dos alunos. Cerca de 70% dos oficiais eram inscritos no partido comunista soviético. Para o autor, esta era uma das características negativas da doutrina militar soviética. Todo oficial era instruído segundo as teorias de Karl Marx.

Por que então que a doutrina comunista seria prejudicial ao Exército soviético? Esta pergunta é claramente respondida nas páginas da revista. A doutrina marxista ajuda

¹⁵ Revista Militar Brasileira. Ano XX, Nº 3. Julho a setembro de 1930. Vol. XXIX.

a estabelecer uma rede de vigilância interna de espionagem dentro das forças armadas e quem logicamente é tímido ou indeciso é, segundo o próprio autor, eliminado.

Em 1921 foi criado um serviço de ligação para impedir que os princípios políticos do exército não destoassem do comunismo. O objetivo deste serviço era assegurar que a oficialidade soviética não traísse os princípios políticos bolchevistas, sendo criada, inclusive as escolas do serviço secreto, que tinham como objetivo criar uma rede em todo o país para garantir que o exército de fato assumisse os princípios comunistas.

Segundo o autor, no velho regime Czarista a Rússia possuía uma doutrina militar que permitia a existência de um espírito agressivo entre seus oficiais. Porém, os resultados práticos da guerra de 1914 representam a falência deste tipo de modelo. Evidentemente, o que o autor deste artigo está querendo dizer é que o modelo organizacional do exército vermelho é inferior ao exército Czarista.

Em relação ao comando do Exército, o autor aponta que o seu pior defeito é a sua organização. Como todos os membros de um soviete tomam as decisões, o comando individual acaba por ser suprimido. Segundo o autor:

[...] não existe o comando individual, porque todos os membros de um soviete militar tomam parte nas discussões e forma um corpo diretivo, ao passo em que a seção encarregada dos transportes em caso de guerra fica sob a direção de uma única pessoa, embora esta seja controlada por um ou dois membros.¹⁶

Os chefes militares da URSS, na opinião do artigo, eram seguros. No entanto, eram diariamente vigiados por comissários que não os deixavam só um único instante. Nesse sentido, o maior temor dos soviéticos, conclui autor, era de que o seu exército caísse nas mãos de algum caudilho de caráter enérgico.

Criticas ao regime bolchevista são feitas a todo o momento, seja de maneira direta ou de maneira mais sutil. Dessa forma, o grande problema era a falta de confiança do governo em seus chefes militares e uma crítica bastante dura é feita nas páginas da Revista Militar Brasileira: “onde reina a suspeita e onde não existe nenhuma confiança na estabilidade moral dos indivíduos, não pode haver um regime sólido.”¹⁷

Mas uma das críticas mais duras se refere ao alistamento obrigatório nas fileiras do Exército Vermelho, como se pode observar a seguir:

¹⁶ Idem

¹⁷ Idem

[...] como os soviets pregam em teoria o evangelho da liberdade em todas as suas formas enquanto que na prática a suprimem inteira ou quase inteiramente. Não há mais nenhuma isenção: todos os capazes devem servir no exército regular ou na milícia, como o objetivo do governo, em más condições financeiras, é ter um exército numeroso com a menor despesa possível, passa pela milícia, que é menos dispendiosa, um contingente duplo do que é incorporado ao exército regular.¹⁸

Fica claro que a revista publica em suas páginas um artigo afirmando que o grande problema do Exército soviético não eram seus chefes militares, tampouco sua doutrina. O grande problema do exército vermelho era o governo bolchevique e o marxismo pregado dentro dos órgãos militares.

A conclusão a que o artigo chega é o mais interessante. Segundo seu autor, o regime soviético tende a se perpetuar no poder e todo este estado de coisas que jogam o exército vermelho a degradação permanecerão a menos que o próprio exército tome o poder em suas mãos, como podemos observar:

Este estado de coisas continuará naturalmente enquanto o exército russo não tomar o poder em suas mãos e não constituir uma ditadura militar que substitua o regime que sufoca a todas as individualidades e não deposita confiança em ninguém

Como podemos observar, o autor não se refere ao “exército vermelho” ou ao “exército soviético”, mas sim ao “exército russo”, em clara alusão ao regime existente na Rússia antes do processo revolucionário que culminara com a revolução de outubro de 1917, o regime czarista. Por mais que os comandantes militares fossem capazes em suas funções, os mesmos estariam sempre vigiados de perto por comissários que inibiriam suas ações e seu poder de decisão. Portanto, surge uma pergunta: “qual é a eficiência bélica deste exército?”¹⁹

Nenhuma, porque os chefes militares da URSS não possuíam nenhuma liberdade para comandar. Numericamente, era uma força militar muito poderosa, porém fraca espiritualmente justamente pelos motivos debatidos anteriormente. Em um país em que não exista uma sólida doutrina de guerra e onde não existe uma sólida individualidade militar, poucas são as chances de sucesso na guerra.

Essa é a conclusão a que chega o artigo publicado nas páginas da Revista Militar Brasileira em 1930, a de que o Exército Vermelho não teria condições de sucesso em

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem

uma eventual guerra, que naquele momento, estava se desenhando na Europa. Somente a destruição do regime soviético comandada por um ditador militar poderia salvar a Rússia e coloca-la novamente no caminho do progresso.

O curso da história nos mostra que o autor estava errado a respeito de sua análise sobre a URSS e o seu exército. Não é objetivo desta dissertação o aprofundamento da discussão sobre o papel da URSS na vitória contra o nazismo. Mas é importante sabermos que o Exército Vermelho foi fundamental para o esmagamento do regime nazista alemão, avançando a partir da frente leste, sobre territórios dominados pela Alemanha. Batalhas como Stalingrado, Moscou e Kursk mostraram o alto valor de suas forças militares e do povo soviético no curso da guerra.

A discussão da doutrina alemã e o inimigo em comum

A doutrina militar alemã também era um assunto a ser discutido na Revista Militar Brasileira. Em um artigo de 1936, a revista procurava discutir o conceito de guerra total de acordo com os ensinamentos do general Ludendorff, uma espécie de herói militar alemão²⁰.

O artigo se chamava “A Margem de ‘A guerra total’ de Ludendorff”²¹. Nesse sentido, todo o povo deve ser preparado para a beligerância, até o mais humilde cidadão deveria ser assim mobilizado, pois seria um dever da política nacional a preocupação com a guerra, mesmo em tempos de paz.

Esta edição de 1936 traz em suas páginas uma defesa aberta da união entre Exército e Estado, ideias que condiziam com o próprio ideal de Estado nazista defendido por Adolf Hitler. William L. Shirer em seu denso trabalho sobre o partido nazista alemão afirma que o Führer afirmava que o partido seria dirigido pelo Führerprinzip, ou seja, o princípio da liderança, que em seu entendimento seria uma ditadura.²² Mais ainda, Hitler, num discurso pronunciado em Munique, em 1923, afirma ainda que “nenhuma política econômica é viável sem uma espada, não há industrialização sem poder” (SHIRER, 2008, P 126).

²⁰ Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército.

²¹ WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. A margem de “A guerra total” de Ludendorff. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército.

²² SHIRER, William L. Ascensão e queda do terceiro Reich: triunfo e consolidação, 1933-1939. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

O próprio Ludendorff flertara com o partido nazista, mas não por muito tempo. Um dos pontos de discordância entre o general e Adolf Hitler era o fato de que o líder nazista aceitava nas fileiras do partido todos os tipos de pessoas com moral duvidosa, bem como alcaguetes, assassinos, homossexuais, alcólatras e chantagistas, como bem mostra Shirer:

Quando saiu da prisão, [Hitler] verificou não somente que [os sujeitos mencionados acima] faziam concorrência uns aos outros, mas que havia uma exigência dos mais rígidos e respeitáveis líderes, tais como Rosenberg e Ludendorff, no sentido de que os criminosos e, principalmente, os pervertidos, fossem expulsos do movimento. Hitler recusou abertamente a fazê-lo.²³

A defesa da doutrina alemã, presente na concepção de guerra total contem um elemento presente tanto na mentalidade do oficialato brasileiro quanto na concepção nazista: o anticomunismo. Como vimos anteriormente, este elemento se faz presente em edições anteriores da revista e não seria diferente neste momento.

Sendo assim, para que certa nação adquira um nacionalismo coeso e desenvolva uma consciência nacional é preciso que o elemento marxista seja, nas palavras do autor, impermeabilizado pelas nações, como podemos observar:

Na guerra total, guerra do futuro, todo cidadão deve se sentir uma parcela da defesa de seu próprio povo. Quanto mais coesa a nacionalidade, moral e materialmente, mais consciente seu povo de seu nacionalismo, maior sua capacidade de resistência ante as investidas inimigas. E estas investidas não orientam somente as forças armadas com ofensivas terrestres, aéreas e navais e sim, também, com propaganda dissolvente pelo rádio, por panfletos e livros, agentes derrotistas e de pruridos separatistas etc. Isto quer dizer que as nações ainda não impermeabilizadas ante a infiltração marxista, pela couraça da mais elevada compreensão de seu dever e da realidade nacional, não estarão em condições de suportar uma guerra total sem se desagregar ou subverter.²⁴

Desta forma, esta doutrina entendia o elemento marxista como algo alienígena à concepção de nacionalidade construída por um determinado povo e, de certa forma, a Revista Militar Brasileira acaba absorvendo para dentro de suas páginas este tipo de

²³ Idem P. 173

²⁴ WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. A margem de “A guerra total” de Ludendorff. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P. 276.

pensamento. Como foi observado, não era a primeira vez que um ataque frontal ao comunismo era feito em suas páginas.

Com uma aplicação direta no Brasil, o autor entende que os ensinamentos do general Ludendorff são extremamente proveitosos para a construção de um sentimento nacional no país. Como uma nação jovem, deveríamos “queimar todas as diretrizes de caráter partidário, regionalista e até mesmo pessoal para somente deixar viva o que irradiasse apenas a organização do Brasil como potência nacional”²⁵.

O maior inimigo de um povo seria o bolchevismo e o seu internacionalismo. Nenhuma nação que tivesse como ideal moralizador o marxismo poderia chegar à plenitude do que seria o ideal de guerra total, apartidário e nacionalista. O comunismo seria o grande defensor dos “apóstolos de pacifismos derrotistas e hipócritas que apenas visam quebrar o potencial de nacionalidade, todos estes irmanados na insidia da dissolução bolchevista”²⁶

Em relação ao judaísmo, este artigo também segue os mesmos preceitos encontrados no pensamento político de Hitler. William L. Shirer, a este respeito, afirma que o ditador alemão possuía um ódio tanto pela democracia quanto pelo marxismo e pelos judeus (SHIRER, 2008).

A associação feita entre os bolchevistas e os judeus feita pelo Führer, como podemos observar:

[...] Entregou a Rússia ao bolchevismo, o que na prática era o mesmo que entrega-la aos judeus. “O gigantesco império do leste”, exultava, “está prestes a ruir. E o fim do domínio judeu na Rússia também será o fim da Rússia como Estado”²⁷

Este desprezo pelos judeus e bolchevistas pode ser também detectado neste artigo, onde se percebe claramente que os verdadeiros mentores do judaísmo-marxista-bolchevista também têm o seu método de guerra total, que contam com uma ampla rede de espionagem e sabotagem apoiados pela organização internacionalista da pan-

²⁵ Idem. P 277.

²⁶ Idem.

²⁷ SHIRER, William L. Ascensão e queda do terceiro Reich: triunfo e consolidação, 1933-1939. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P 125.

maçonaria que atacam a todo o momento a formação nacionalista militar e disciplinadora.²⁸

A Revista Militar Brasileira, dessa forma, abre espaço para a divulgação de ideais políticos autoritários, que entendemos aqui que se deu em função de uma aproximação não somente econômica com Berlim, mas também como uma forma de lançar as bases para um modelo de sociedade autoritária no qual a elite brasileira e o Exército estavam comprometidos.

O Exército brasileiro, com a influência dos jovens turcos, já simpatizava com o modelo organizacional do exército alemão. No entanto, as posições políticas adotadas publicadas pela revista revelam um posicionamento de simpatia de parte da oficialidade brasileira em certo grau com o modelo político autoritário alemão.

Tanto isto é verdade que ainda no ano de 1936 publica-se um artigo chamado “Patriotismo Militar”²⁹, de autoria do médico Fernando de Magalhães, ilustre membro da Academia Brasileira de Letras neste mesmo ano. Sua vida política é marcada por ter sido deputado do Estado do Rio de Janeiro durante a constituinte de 1934.

Não era comum na prática da revista a cessão de espaço para que autores não militares escrevessem seus pensamentos. Para se ter uma ideia, nas edições de 1936 e 1937, somente dois artigos não foram escritos por militares. Curiosamente, fora o Dr. Fernando Magalhães o autor destes dois artigos, o de 1937 falando sobre a revolução farroupilha e este de 1936 que examinaremos a seguir.

Talvez o fato que explique a presença de seus artigos na Revista Militar Brasileira seja seu posicionamento político, completamente alinhado ao de seus editores e em última instância, ao Estado Maior do Exército.

Nesse sentido, “Patriotismo Militar” representa bem estas convicções. Nele, o autor aponta um culpado para todo o caos social que se abateu sobre o ocidente nos últimos tempos: o comunismo. O olhar de que os comunistas do leste não passam de bárbaros está presente em seu pensamento.

Para o autor, há apenas 20 anos atrás, ou seja, em 1916, no período da Revolução Russa, os bárbaros insaciáveis revolviavam “às cinzas dos que se esvaíram na

²⁸ WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. A margem de “A guerra total” de Ludendorff. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P. 278.

²⁹ Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.249.

bravura” (MAGALHÃES, 1936, P 249.). A análise do comunismo como algo por vezes diabólico é feita de maneira muito clara, como podemos observar:

Das estepes glaciais descem para o ocidente as milícias luciferianas, ao encontro das turbas azedadas da descrença, licenciosa e torpe. Começa a derrocada sentimental. Nos dias funéreos, não há lamentações: há urros ferozes e troantes, revolvendo a alma pacífica dos humildes. Trapo vermelho, onde se cruzam o martelo e a foice. O vermelho é carnificina, o martelo é derrocada, a foice é execução. Transtornam-se os velhos símbolos e os valores imemoriais. A tribo de Pilatos, simulando por dois mil anos o nomadismo condenatório, não querendo volver aos pousos sagrados da Judéia, prefere invadir, para depredar, o mundo que os fariseus do sinédrio decidiram, em vão crucificar.

Tão satânico empreendimento dilacerou a flor da piedade humana, arrasou as instituições milenares educadas no amor: o amor de cada um a sua gente, a sua terra e ao seu Deus³⁰.

Este tipo de pensamento dicotômico entre ocidente civilizado x oriente bárbaro já foi discutido anteriormente, mas nesta edição de 1936 da revista um elemento surge como incremento a este tipo de visão: o autoritarismo do Estado.

Antes de voltarmos à análise da revista, devemos entender esta questão. Para tanto, torna-se necessário nos remeter ao pensamento de Carl Schmitt³¹, um notório teórico do nazismo e membro do partido nacional socialista alemão. Para ele, a noção de inimigo político ultrapassa a questão pessoal. Na verdade, ele não precisa ser moralmente mau ou esteticamente feio. Algumas vezes, pode parecer vantagem fazer negócios com este inimigo, pois ele não necessariamente precisa ser um concorrente econômico.

Dessa forma o inimigo político não necessariamente precisa ser um concorrente ou um adversário privado a quem se odeia. Para o autor o inimigo político é “um conjunto de pessoas em combate ao menos eventualmente, i.e., segundo a possibilidade real e que se defronta com um conjunto idêntico.” (SCHMITT, 1932, P 30)

Inimigo, segundo Schmitt, é o adversário público, não particular. Uma massa semelhante de pessoas, especialmente todo um povo, por isso recebe o nome de inimigo público. O político, portanto, se manifesta em uma auto-organização coletiva de um povo contra inimigos externos e internos.

³⁰ MAGALHÃES, Fernando. Patriotismo Militar. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.250.

³¹ SCHMITT, Carl. O conceito do político. Belo Horizonte: Del Rey Editora, 2009.

Nesse sentido, entendemos que o inimigo aqui tratado é o comunismo. Adversário número um tanto no ambiente político em que está inserido o Estado Maior brasileiro quanto do sistema político alemão. Um exemplo disto é que Adolf Hitler, ao deixar a Áustria, no ano de 1913, em direção à Alemanha, já tinha este tipo de ideia em mente, que viria mais tarde a ser sistematizada por Schmitt, enxergando como grandes inimigos a serem combatidos o marxismo e o judaísmo (SHIRER, 2008).

A construção do pensamento autoritário alemão encontra um grande defensor em Carl Schmitt, que enxergava uma crise no Estado democrático de direito. Para o autor, após a primeira guerra mundial surge no mundo um Estado legiferante paramentar³² sob a forma de uma democracia de massas.

Este tipo de organização é na verdade apolítica, pois transfere poderes indiretos a sindicatos e associações, tornando-as totalitárias, mas sem estabelecer um inimigo comum, mas somente adversários. Dentro desta perspectiva, o autor enxerga a república de Weimar como algo negativo, pois a sociedade se organiza de maneira apolítica.

A única maneira de superar tal crise seria a criação de um Estado ditatorial totalitário³³. O Leviatã Hobbesiano seria o conceito filosófico de Estado adotado pelo autor, que enxergava no antissemitismo seu principal inimigo. Spinoza, um filósofo judeu, era acusado de estabelecer uma perigosa brecha rumo ao pensamento individual, inimigo do estado autoritário. Em seguida seus ataques eram proferidos contra o pensamento iluminista do século XVIII, que passa a minar o poder estatal em detrimento também do individualismo, que tinha como finalidade paralisar o povo estrangeiro e emancipar os judeus. Marx, este tipo de judeu emancipado, se utiliza destes campos operacionais criados pelo individualismo para paralisar intelectualmente o Leviatã (HABERMAS, 2009). Estava formado aí as bases de toda uma estruturação filosófica e política que estruturaria o Terceiro Reich.

Este tipo de visão política foi levado à prática pela Alemanha nazista a partir de 1933. Hitler defendia a concepção de um Estado tribal, onde se estabelece uma forte oposição à burguesia e ao marxismo e judaísmo, enxergados como inimigos políticos, enxergando na preservação e expansão da raça aariana um direito adquirido, o que reforçaria o pensamento autoritário, como poderemos observar:

³² HABERMAS, Jürgen. Apresentação da obra. In: SCHMITT, Carl. O conceito do político. Belo Horizonte: Del Rey Editora, 2009. P 11.

³³ SCHMITT, Carl. Teologia política. Belo horizonte: Del Rey Editora, 2006.

Já que o Estado tribal deve ser alicerçado “na concepção aristocrática da natureza”, depreende-se que a democracia está fora de cogitação, sendo necessário substituí-la pelo *Führerprinzip*. O autoritarismo do exército prussiano deve ser adotado pelo Terceiro Reich.³⁴

Voltando ao pensamento de Fernando Magalhães exposto nas páginas da Revista Militar Brasileira, percebemos que para o autor existe um conflito entre Estado, que representa o empenho de um grupo, e Nação, que representa a consciência de um povo³⁵.

Este conflito se dá porque a Nação vai para o abismo, impelida pelo Estado. Magalhães enxerga uma total desorganização do Estado brasileiro, com suas “leis em tumulto, suas sentenças em falso, suas opiniões em desvario, seus homens em descrédito e suas armas em dispersão”³⁶.

A culpa desta ameaça ao Estado seria do nosso maior inimigo interno, ou seja, o comunismo. Percebemos então que faz um apelo ao patriotismo militar, afirmando que somente com este elemento seria possível derrotar esta ameaça nacional. Para exemplificar, Fernando Magalhães cita o patriotismo militar na Espanha.

Entre 1936 e 1939 a Espanha passara por uma violenta guerra civil. Eric Hobsbawm se lembraria deste conflito como o resultado de disputas transnacionais travadas durante a década de 1930 (HOBSBAWM, 2009). Para o autor, este conflito mobilizou de maneira instantânea as “simpatias da esquerda e da direita na Europa e nas Américas, especialmente dos intelectuais ocidentais” (HOBSBAWM, 2009, P 157).

Foi exatamente este conflito a ser elogiado por Fernando Magalhães. Para o autor, a guerra espanhola de 1936 tratava-se, antes de tudo, de um último capítulo de uma cruzada histórica entre a civilização X a barbárie, da cruz e dos valores morais cristãos contra a foice ao martelo.

Na análise de Hobsbawm, inicia-se na Espanha um processo de uma longa guerra civil entre um governo republicano legitimamente eleito, composto por socialistas, comunistas e alguns anarquistas e alguns generais insurgentes (HOBSBAWM, 2009, P 159), apontados por muitos, inclusive por Fernando Magalhães, como “cruzados nacionalistas contra o comunismo”.

³⁴ SHIRER, William L. Ascensão e queda do terceiro Reich: triunfo e consolidação, 1933-1939. Rio de Janeiro: Agir, 2008. P 133

³⁵ MAGALHÃES, Fernando. Patriotismo Militar. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.251.

³⁶ Idem, P 252.

Francisco Franco era um jovem general quando o conflito eclode. Rapidamente, o líder insurgente se esforça para instaurar um Estado autoritário e com um partido único. A guerra civil espanhola instalaria neste país uma ditadura de direita e autoritária, apoiada, inclusive, pelo partido nazista alemão. O termo nacionalismo será encontrado na análise de Hobsbawm, como poderemos observar:

Ao contrário dos nacionalistas, que tinham uma direção militar e política única, os republicanos continuaram politicamente divididos e apesar da contribuição dos comunistas – não conseguiram formar uma vontade militar e um comando estratégico únicos, ou só tarde demais³⁷

Este nacionalismo era insistentemente evocado nas páginas da Revista Militar Brasileira por Fernando Magalhães. Para o autor, o Brasil deveria seguir o exemplo da Espanha e o seu patriotismo militar, protegendo a pátria dos inimigos da nação:

Se o Brasil, para sua dolorosa expiação, enfrentasse a carnificina deflagrada pelos usurpadores da vontade de um povo piedoso e firme, repetiria a epopeia da velha Hespanha [sic] legendária que, na hora decisiva, manda ao encontro da onda desembestada os soldados caminheiros da libertação³⁸

A desordem civil provocada pelo conflito espanhol só poderia ser remediada pelo militarismo. Uma educação militar e um exército forte, mantenedor da ordem são os elementos perfeitos, segundo o autor, para uma sociedade organizada em valores morais perfeitos.

Praticamente um ano antes do golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, que contou com a intensa participação do Estado Maior do Exército brasileiro, o clima nas páginas da Revista Militar Brasileira já era de efervescência política e de um clamor pela intervenção do Exército na sociedade contra o inimigo interno.

Dessa forma, podemos perceber que a defesa de um Estado autoritário era feita nas páginas da Revista Militar Brasileira em 1936 e a guerra civil espanhola era vista como um modelo ideal de como o Exército deveria agir contra inimigos internos, que podemos entender como sendo os comunistas.

³⁷ HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 2009. P. 161.

³⁸ MAGALHÃES, Fernando. Patriotismo Militar. In: Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV. Arquivo Histórico do Exército. P.253.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BANDEIRA, Moniz. MELO, Clóvis. ANDRADE, A.T. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980. 2ª Ed.

CARVALHO, José Murilo de. *“Forças armadas e política no Brasil”*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. MOREL, Marco. FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro, DP&A: Faperj, 2006.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (ORGS.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

SCHMITT, Carl. *O conceito do político*. Belo Horizonte: Del Rey Editora, 2009.

SHIRER, William L. *Ascensão e queda do terceiro Reich: triunfo e consolidação, 1933-1939*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

VIANNA, Marly. *Os revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

Fontes primárias

Arquivo Histórico do Exército

Almanaque do Exército para o ano de 1931.

Revista Militar Brasileira. Ano XX, nº 3. Julho a setembro de 1930. Vol. XXIX.

Revista Militar Brasileira, ano XXVI, nº 4. Outubro a dezembro de 1936. Vol. XXXV.